



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
CAMPUS III – GUARABIRA
DEPARTAMENTO DE GEO-HISTÓRIA
CURSO DE GEOGRAFIA**

ANDRÉ HENRIQUE DAMIÃO DE FIGUEIREDO

**O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E SUA IMPORTÂNCIA
PARA A LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**GUARABIRA – PB
2010**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

F475e

Figueiredo, André Henrique Damião de

O estágio supervisionado e sua importância para a licenciatura em geografia / André Henrique Damião de Figueiredo. – Guarabira: UEPB, 2010.

47f.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso – TCC)
– Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Esp. Cleoma Maria Toscano Henrique”.

1. Geografia - Ensino 2. Estágio
Supervisionado 3. Licenciatura I. Título.

22.ed. CDD 372.891

Linha de pesquisa: O ensino da Geografia na educação fundamental e médio

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E SUA IMPORTÂNCIA PARA A LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

Apresentada como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em Geografia na UEPB Campus III em Guarabira sob a orientação da Ms. Cléoma Maria Toscano Henrique.

GUARABIRA

2010

**O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E SUA IMPORTÂNCIA PARA A
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

Aprovada em 16 de Dezembro de 2010

Banca examinadora:

Cléo Maria Toscano Henrique

Ms. Cléo Maria Toscano Henrique – (Departamento de Geo-
História/UEPB/Campus III)
(Orientadora)

Regina Celly N. da Silva

Ms. Regina Celly Nogueira da Silva – (Departamento de Geo-
História/UEPB/Campus III)
(Examinadora)

Edinilza Barbosa dos Santos

Ms. Edinilza Barbosa dos Santos – (Departamento de Geo-
História/UEPB/Campus III)
(Examinadora)

"Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor. Se a educação sozinha não transformar a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda."

(Paulo Freire)

DEDICATÓRIA

A Deus que me deu forças para superar os momentos mais difíceis, a minha mãe e meu pai (*in memoriam*) que me ajudaram com suas palavras e ações a ser tudo que eu sou hoje.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado a vida e coragem de seguir nessa jornada com muita força de determinação.

A minha Mãe de forma especial por esta sempre ao meu lado nos momentos mais difíceis da minha vida e por ter me ajudado nesta caminhada, por quem sinto um profundo amor e carinho.

A meu Pai que mesmo não estando mais em nosso convívio, mas sempre que precisei esteve ao meu lado em todas as horas e seus conselhos sempre sábios.

A minha Irmã Abiaci, a qual muitas das vezes quando preciso foi minha segunda mãe e umas das grandes responsáveis pela pessoa que sou hoje.

A meu irmão Antônio, no qual sempre foi além de irmão um companheiro de todas as horas e por ele tenho um profundo carinho.

Ao meu cunhado e padrinho João Evangelista que sempre esteve à disposição para ajudar e a todo seu carinho e conselhos.

A toda minha Família por seu carinho e ajuda nesta Caminhada.

Ao meu amor Jaciane, por fazer parte hoje da minha vida. Nesta longa caminhada esteve ao meu lado sempre que precisei e por me ensinar o que realmente é o amor. Amor você é tudo que sempre procurei numa mulher, te agradeço pelos seus conselhos que foram de fundamental importância para a minha vida. Obrigada pelo seu amor, carinho, compreensão e enfim por esta ao meu lado vivendo emoções, e sonhos.

Aos meus padrinho de batismo e primeira comunhão Daura e natalino (In memorian), por serem carinhosos e atenciosos e sempre a disposição para ajudar no que preciso fosse.

A minha orientadora Cléoma, pelos conhecimentos que me passou nas disciplinas e principalmente nesta monografia a qual sempre teve a disposição para ajudar a todo o momento.

A Professora Regina e Edinilza por também colaborar com a minha monografia, meu muito obrigado.

A coordenação do curso de Geografia sempre atendendo de maneira gentil e atenciosa toda vez que precisei.

A todos professores do Campus III que fizeram parte desta caminhada.

Aos funcionários do Campus III de Guarabira que de forma indireta participaram desta caminhada ajudando sempre que possível.

Aos meus grandes amigos Marcelo, Daniel, Eberton, Heronaldo, João Paulo, Iniedja, Renata, Aline, Verônica, Marleide, Carlos Magno, Roberto, José Roberto, Edna, enfim a todos da turma 2006.1 da noite de Geografia que caminharam ao meu lado nesta caminhada proporcionado momentos de muitas alegrias.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E LEGAL SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO	13
2.1 A Relação Estudo x Trabalho	19
3. O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES	21
3.1 O Trabalho do Professor – da teoria ao dia-a-dia	21
3.2 O Estágio e a Formação Docente	22
3.3 Teoria x Prática	25
3.4 Relação das universidades com as escolas no estágio	27
3.5 Professores orientadores	28
4 MÉTODOS DE ENSINO	31
5 O ENSINO DA GEOGRAFIA E SUA METODOLOGIA	34
6 ESTÁGIO SUPERVISIONADO E SUA IMPORTÂNCIA PARA O FUTURO PROFESSOR DE GEOGRAFIA	37
6.1 Um breve relato sobre minha experiência no estágio supervisionado e suas contribuições para o meu futuro profissional	38
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	43

O43- Geografia

Area de pesquisa: O ensino da Geografia na educação fundamental e médio

Título: O estágio supervisionado e sua importância para a licenciatura em geografia

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como tema principal o estágio supervisionado nos cursos de licenciatura. Com o propósito de mostrar essa importância do estágio supervisionado, seus problemas e a sua contribuição para os futuros professores foi que fiz este trabalho e que tem como objetivo principal relatar como funciona o estágio supervisionado e sua relação com a formação do professor e para chegar a tal foi feita uma revisão bibliográfica através de artigos, monografias, livros. Sendo dividida em cinco capítulos que falam da questão legal e contextualização histórica, seguida pela relação do estágio com a formação dos professores e em seguida foi feita uma revisão sobre os métodos de ensino, seguida por uma abordagem do ensino da geografia e sua metodologia usada na sala de aula e no quinto falamos sobre a importância da prática no estágio para o futuro do professor. E por fim fiz algumas considerações de como fazer com que o estágio supervisionado não seja apenas uma mera obrigação burocrática e sim passe a ser dado o seu devido valor.

Palavras-chave: Estágio supervisionado; licenciatura; geografia

ABSTRACT

This work for the conclusion of course has as its main theme the estagio overseen in undergraduate courses. For the purpose of showed the importance of estagio supervised, their problems and their contribution to the future teachers was that I made this work and that has as main objective reports how the estagio supervised and its relationship with the training of teachers and to reach such was made bibliographic revision through articles, monographs, books. Being divided into Five chapters which talk about the legal issue and contextualization historic, followed by the ratio of estagio with the training of teachers and was then made a revision of the teaching methods, followed by an approach of the teaching of geography and its methodology used in the classroom and in the fifth we talk about the importance of practices in estagio for the future of the teacher. And lastly I made some considerations of how to make the estagio supervised not just a mere obligation bureaucratic and and yes pass to be given its due value.

Key-words: supervised trainee; licentiateship; geography

1 INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado tem sido considerado um importante instrumento pedagógico na formação dos profissionais de licenciatura. Isso em virtude das rápidas mudanças provindas do meio em que vivemos, bem como da necessidade de uma atuação teórica prática do discente que pode, através do estágio, testar os conhecimentos adquiridos na universidade, bem como verificar se a área escolhida na qual atuou é realmente a desejada, na qual pretenderá atuar após sua formação.

Nesta concepção compreende-se que a prática supervisionada curricular é, para os profissionais de licenciatura, uma oportunidade ímpar já que o estágio tende a assumir também um caráter científico, concebendo papel decisivo na formação profissional e, por isso, possibilita a busca de novas respostas criativas para enfrentar o mundo.

Com o propósito de mostrar essa importância do estágio supervisionado, seus problemas e a sua contribuição para os futuros professores que escrevemos esta monografia como meio de mostrar tudo isso já citado.

Este trabalho monográfico tem como objetivo principal relatar como funciona o estágio supervisionado e sua relação com a formação do professor e como objetivos específicos de mostrar a importância do estágio supervisionado e suas questões legais; descrever a contribuição para a formação do professor; mostrar a relação do ensino da geografia com sua metodologia, a importância do estágio para o futuro do professor de geografia.

A metodologia usada foi constituída de uma revisão bibliográfica sobre o estágio supervisionado na qual se usou artigos, livros e trabalhos acadêmicos que após uma leitura destes foi elaborado o trabalho.

O trabalho monográfico está dividido primeiramente contextualização histórica e legal sobre o estágio supervisionado, que vai falar da questão legal do estágio e sua história.

No segundo capítulo vem O estágio supervisionado e a formação de professores e que tem como subdivisões O trabalho do professor – da teoria ao dia-a-dia, O estágio e a formação docente; Teoria x Prática; Relação das universidades com as escolas no estágio e Professores orientadores. Neste capítulo será abordado tudo sobre o estágio supervisionado.

No terceiro capítulo ira falar dos Métodos de ensino no qual vai descrever os métodos descritos por Libâneo (1994).

No quarto capítulo abordara o ensino da geografia e sua metodologia, isto é, como ela é vista pelos alunos, a sua problemática de como torná-la mais interessante ao discente, a discussão da relação entre a metodologia empregada na sala de aula e conteúdo a ser dado e como contextualizá-la ao cotidiano do aluno.

No quinto capítulo ira aborda O estágio supervisionado e sua importância para o futuro professor de geografia e neste momento vai relatar como o estágio é fundamental para a licenciatura em geografia.

E por fim as considerações a cerca do estágio supervisionado com possíveis saídas para a melhoria do aproveitamento desta parte tão importante do curso de licenciatura.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E AS RESOLUÇÕES SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Para se entender a situação de estágio supervisionado dentro da estrutura do ensino superior e aceitá-lo como um instrumento necessário à formação dos estudantes, tornam-se importante a descrição de um breve apanhado histórico-legal que oriente este presente capítulo. Para tanto, julga-se necessário compreender primeiramente o conceito de estágio supervisionado.

De acordo com Bianchi et al (2003, p.07) estágio é “ o período de estudos práticos, exigidos dos candidatos ao exercício de certas profissões liberais (...) é um período probatório durante o qual uma pessoa exerce uma atividade temporária num empresa”.

Para Bissoli (2002, p. 15), “o Estágio é um procedimento didático-pedagógico cuja atividade é de competência da instituição de ensino, a quem cabe a decisão sobre o conteúdo teórico, e de pessoas jurídicas de direito público ou privado, cujo papel está restrito à oferta de vagas, contribuindo no processo educativo no que se refere ao aprendizado prático.”

Roesch (1996) é mais amplo e realista ao esclarecer que o estágio, além de aplicar na prática os conhecimentos teóricos adquiridos ao decorrer do curso, procura também analisar a possibilidade de sugerir mudanças no mercado de trabalho, já que possibilita ao aluno aprofundar uma área de interesse e testar a habilidade deste no estágio.

O CIEE, agência de colocação de alunos para primeira experiência profissional na comunidade, conceitua Estágio como:

Atividades de aprendizagem profissional, social e cultural oferecidas ao estudante pela participação em situações reais de trabalho proporcionadas por pessoa jurídica de direito privado, órgãos de administração pública e instituições de ensino, sempre sob a responsabilidade e coordenação da instituição de ensino que pertence, para o desenvolvimento de atividades relacionadas a sua área de formação profissional. (CIEE, 1997, p. 15)

Deste modo cumpre esclarecer que essa visão integrante do estágio supervisionado no Brasil é recente. Isso posto que o primeiro encontro com intuito de discorrer sobre legislação que tornaria obrigatório o estágio de estudantes nos campos de abrangência aos respectivos cursos ocorrera em junho de 1972 por meio

do Encontro Nacional de Professores de Didática na Universidade de Brasília. Há época o professor Valmir Chagas, coordenador do Encontro, e o Ministro Senador Jarbas Passarinho achavam se de grande importância que os educandos fossem colocados no mercado de trabalho para que tivessem contato prévio com a profissão desejada.

Desta maneira o marco inicial para que o estágio supervisionado passasse a integrar os currículos escolares deu-se por meio da Portaria no. 1002 de 29 de setembro de 1972 do Departamento Nacional de Mão de Obra do Ministério do trabalho.

O Estágio Curricular apenas passou a ser regulamentando por legislação federal em 1977 através da Lei no. 6494 que “dispõe sobre os estágios de estudantes de estabelecimentos de ensino superior e de ensino profissional de 2º. Grau e Supletivo”, que assim, define em seu art. 1º., inciso 2º.:

(...) os estágios devem propiciar a complementação do ensino e da aprendizagem a serem planejados, executados, acompanhados e avaliados em conformidade com os currículos, programas e calendários escolares, a fim de se constituírem em instrumentos de integração, em termos de treinamento prático, de aperfeiçoamento técnico cultural, científico e de relacionamento humano.

Na seqüência, o Decreto n.º 87.497, de 18 de agosto de 1982, regulamenta a Lei n.º 6.494 por meio da seguinte complementação que pode ser vista no artigo 2.º:

Considera-se estágio curricular, para os efeitos deste Decreto, as atividades de aprendizagem social, profissional e cultural, proporcionada ao estudante pela participação em situações reais da vida e trabalho de seu meio, sendo realizada na comunidade em geral ou junto a pessoas jurídicas de direito público ou privado, sob responsabilidade e coordenação da instituição de ensino.

Ainda o artigo 3.º estabelece:

O estágio curricular, como procedimento didático-pedagógico, é atividade de competência da instituição a quem cabe a decisão sobre a matéria, e dele participam pessoas jurídicas de direito público e privado, oferecendo oportunidade e campos de estágio, outras formas de ajuda, e colaborando no processo educativo.

Percebe-se, de acordo com o supracitado, que a formação acadêmica vai além de capacitar teoricamente o aluno, já que passa a integrar o mesmo entre social, profissional e cultura no sentido de ser capaz de atuar também na prática.

A Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB – 1996) regulamenta em seu art. 82 que “os sistemas de ensino estabelecerão as normas para realização dos estágios dos alunos regularmente matriculados no ensino médio ou superior em sua jurisdição”.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação (2002, p.10) o estágio curricular supervisionado “deve ser concedido como conteúdo curricular implementador do perfil do formando, consistindo numa atividade obrigatória, mas diversificada, tendo em vista a consolidação prévia dos desempenhos profissionais desejados, segundo as peculiaridades de cada curso de graduação.”

Assim, o estágio supervisionado deve assumir caráter investigativo, servindo de estímulo para a pesquisa. Assim compreende Gisi et al (2000, p.05):

As possibilidades de o estágio constituir-se em uma estratégia que favoreça a aquisição de aptidões, competências e habilidades definidas para o curso, pressupõe considerá-lo como parte integrante e essencial do processo de formação devendo ser planejado de modo a propiciar experiências de aprendizagem dinâmicas, criativas e que possibilitem reflexão sobre a atuação profissional e a sua intencionalidade.

Deste modo, o estágio supervisionado passou a ser regulamentado pela Lei no. 11.788/08 que prevê, dentre outras coisas, que a carga horária do estágio não pode ultrapassar às 06 horas diárias e 30 horas semanais, sendo que nos estágios que acontecem na própria universidade esta carga é diminuída para 20 horas semanais. Em relação à remuneração o art. 12 da citada lei define que “o estagiário poderá receber bolsa ou outra forma de contraprestação que venha a ser acordada, sendo compulsória a sua concessão, bem como a do auxílio transporte, na hipótese de estágio não obrigatório”.

Vela citar que não há valor mínimo definido na lei 11.788/08 e que deve ser pago ao estagiário, sendo definido entre a unidade concedente e o estagiário.

Entretanto, verifica-se que a nova lei trouxe grande prejuízo aos estagiários não obrigatórios das universidades posto que ela obriga a mesma a pagar bolsa-auxílio, além de vale transporte e seguro contra acidentes pessoais.

Já o CONSEPE (Conselho Superior de Ensino e Pesquisa) da UEPB no seu Art. 1º diz que o estágio é um componente curricular obrigatório na formação dos professores e no qual o aluno deve assumir o papel de professor por um determinado tempo. Em seguida no seu Art 2º fala que a universidade tem a obrigação de firmar convênios com as instituições escolares. Veja na íntegra os o 1º e 2º artigo da resolução:

Art. 1º – O Estágio Supervisionado constitui-se em Componente Curricular obrigatório para todos os cursos de formação de professores da Educação Básica, devendo ocorrer em unidades escolares onde o estagiário assuma efetivamente o papel de professor por um determinado período.

Art. 2º – Os Estágios Supervisionados serão desenvolvidos nas escolas de Educação Básica por intermédio de convênios firmados entre a Universidade Estadual da Paraíba - UEPB e as instituições concedentes e estarão subordinados, no âmbito da Universidade, a uma coordenação Geral de Estágio vinculada à PROEG.
(resolução do CONSEPE nº14 de 2005)

A resolução que regulamenta o estágio supervisionado na UEPB é a seguinte CONSEPE/UEPB nº 14 de 2005 e nessa está descrito todas as normas de como deve ser oferecido, a divisão do estágio e sua distribuição de carga horária. No seu artigo 3º da resolução do CONSEPE diz a duração mínima do estágio supervisionado deve ser de 400 horas e com início na segunda metade do curso e divididos em estágio supervisionado I e II e ainda define que o I deve ser no ensino fundamental e o II deve ser no ensino médio. Veja o que diz este artigo abaixo.

Art. 3º O Estágio Supervisionado terá uma duração mínima de 400 horas e será realizado a partir do início da segunda metade do Curso.

§ 1º - Nos cursos com estruturação curricular em Regime Seriado Anual, as atividades dos Componentes Curriculares Estágio Supervisionado I e II terão, no mínimo, 200 horas cada, desenvolvidas nos dois últimos anos do curso, com as seguintes ementas:

a) Estágio Supervisionado I – “Vivência da realidade escolar, planejamento e intervenção no Ensino Fundamental”.

b) Estágio Supervisionado II – “Vivência da realidade escolar, planejamento e intervenção no Ensino Médio”.

(resolução do CONSEPE nº14 de 2005)

Neste período de estágio I e II o aluno vai viver a fase da observação e em seguida de planejamento como está previsto na resolução do CONSEPE. A

resolução teve sua desde alunos que ingressaram nas licenciaturas a parti do período letivo 2006.1

A lei 11.788 de setembro de 2005 relata as obrigações das instituições de ensino em relação aos estagiários, na qual prevê que as universidades antes de colocar os alunos pro estagio deve antes de tudo avaliar se as instituições concedentes do estagio possui adequação aos requisitos do estagio, também indicar o professor que ira orientar o estagio na sua área competente como podemos ver abaixo este artigo:

Art. 7º São obrigações das instituições de ensino, em relação aos estágios de seus educandos:

I – celebrar termo de compromisso com o educando ou com seu representante ou assistente legal, quando ele for absoluta ou relativamente incapaz, e com a parte concedente, indicando as condições de adequação do estágio à proposta pedagógica do curso, à etapa e modalidade da formação escolar do estudante e ao horário e calendário escolar;

II – avaliar as instalações da parte concedente do estágio e sua adequação à formação cultural e profissional do educando;

III – indicar professor orientador, da área a ser desenvolvida no estágio, como responsável pelo acompanhamento e avaliação das atividades do estagiário;

IV – exigir do educando a apresentação periódica, em prazo não superior a 6 (seis) meses, de relatório das atividades;

V – zelar pelo cumprimento do termo de compromisso, reorientando o estagiário para outro local em caso de descumprimento de suas normas;

VI – elaborar normas complementares e instrumentos de avaliação dos estágios de seus educandos;

VII – comunicar à parte concedente do estágio, no início do período letivo, as datas de realização de avaliações escolares ou acadêmicas.

(lei 11.788 de 2005)

Voltando para a importância do estágio para os discentes, Behrens (1991, p. 19) defende que independentemente da qualidade do curso ministrado na instituição de ensino é certo que a experiência que o estudante vai encontrar no mercado de trabalho não é passível de total reprodução em laboratórios ou em exercícios práticos na Universidade.

A inserção do aluno na realidade, para que tenha oportunidade de compreender as relações que perpassam o mundo do trabalho, atuar sobre elas e ultrapassá-las é uma maneira de oferecer ao estudante uma formação completa.... a dinâmica do cotidiano tem um caráter peculiar, na medida em que são inúmeros os fatores que se relacionam das mais diferentes maneiras. Compreender o dia-a-dia e traduzi-lo é função da pesquisa; socializar os resultados das pesquisas é função do ensino. No entanto, para operar a realidade como ela se produz e se reproduz é preciso estar inserido nela. E o estágio é a oportunidade desta primeira inserção.

Assim, e após o até aqui verificado, uma importante definição é a de Fazenda (*apud* Pimenta, 1997, p. 76), quando afirma que estágio “é um processo de apreensão da realidade concreta, que se dá através de observação e experiências, no desenvolvimento de uma atitude interdisciplinar (...) a leitura da realidade exige instrumental adequado que envolve o saber observar, descrever, registrar, interpretar e problematizar a realidade”.

De acordo com Libâneo (2001, p.50) verifica-se no Estágio Supervisionado uma relação mútua entre aprender a fazer e aprender a conhecer:

O conhecimento adquire uma intencionalidade para a *práxis*. Não simplesmente para ser aplicado a ela, mas também para responder a situações ainda inéditas. Cria-se uma capacidade criativa de articulação entre conhecimento e prática, entre saber e ação, de modo que ambos se alimentam mutuamente. A prática modifica o conhecimento, e este, por sua vez, gera sempre novas práticas. Cria-se, assim, a atitude mental de sempre pensar o conhecimento em sua prolongação prática, e a prática em seu caráter cognitivo.

Com vistas à educação para o século XXI aproveitar-se-á as contribuições de Delors (2001, p. 90), que considera que o estágio pode contemplar as quatro aprendizagens fundamentais, que poderão representar para cada pessoa os pilares do conhecimento. São eles:

aprender a conhecer, isto é, adquirir os instrumentos da compreensão;

aprender a fazer para poder agir sobre o meio envolvente;

aprender a viver juntos, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas;

- finalmente, *aprender a ser*, via essencial que integra as três precedentes.

Portanto, não há conhecimento sem prática e não há prática sem conhecimento incluído.

Não se pode esquecer que a sociedade entrega à Universidade esses alunos e espera que neste tempo histórico os estudantes voltem adequadamente formados, como pessoas e como profissionais competentes e capazes de responder às demandas dos tempos modernos.

Portanto, o Estágio constitui, de acordo com Gisi et al (2000) uma rica experiência pré-profissional e que proporciona ao aluno contato com a futura área de atuação.

Por isso o Estágio Supervisionado deve ser realizado de acordo com o que prescrevem as *Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação* (2002, p. 12), que têm como objetivo:

(...) formar bacharéis com sólidos domínios acadêmicos, científicos e tecnológicos específicos de seu campo de atuação, especialmente preparando-os para o eficaz desempenho de múltiplas relações de acordo com as especificidades de cada organização, gerenciando o fluxo de informações e desenvolvendo com sensibilidade metodologias capazes de diagnosticar conflitos, reduzir resistências a mudança, repassar a importância da concepção empreendedora da empresa, portando-se com competência e discrição.

2.1 A Relação Estudo x Trabalho

A tendência crescente do mercado é incorporar sempre mais conhecimento no trabalho. Nesse processo, serão necessários profissionais cada vez mais preparados. “A sociedade necessita de pessoas bem instruídas e de bons profissionais, mas, antes de tudo, necessita de cidadãos bem formados e cultos” (JULIATTO, 1996, p. 3). Por isso, exige-se que se pense educação, olhando para o aluno como cidadão e como futuro profissional na sociedade.

No documento da Conferência Mundial sobre Educação Superior, no capítulo sobre “Missões e Funções da Educação Superior”, em seu artigo 1.º, item **a**, afirma-se:

Educar e formar pessoas altamente qualificadas, cidadãs e cidadãos responsáveis, capazes de atender às necessidades de todos os aspectos da atividade humana, oferecendo-lhes qualificações relevantes, incluindo capacitações profissionais nas quais combinados conhecimentos teóricos e práticos de alto nível mediante cursos e programas que se adaptem constantemente às necessidades presentes e futuras da sociedade. (Declaração Mundial sobre Educação Superior, 1998, p. 16)

Esse item reflete uma das missões da educação superior que visa à formação de profissionais capacitados para contribuir efetivamente no desenvolvimento e no progresso da sociedade.

No capítulo “Formando uma nova visão da educação superior”, em seu artigo 7.º, itens **a** e **b**, referem-se ao “reforçar a cooperação com o mundo do trabalho, analisar e prevenir as necessidades da sociedade”:

a) Em economias caracterizadas por mudanças e pelo aparecimento de novos paradigmas de produção baseados no conhecimento e sua aplicação, assim como na manipulação de informação, devem ser reforçados e renovados os vínculos entre a educação superior, o mundo do trabalho e os outros setores da sociedade.

b) Podem ser fortalecidos vínculos com o mundo do trabalho, por meio da participação de seus representantes nos órgãos que dirigem as instituições, do aproveitamento mais intensificado de oportunidades de aprendizagem e estágios envolvendo trabalho e estudo para estudantes e professores, do intercâmbio de pessoal entre o mundo do trabalho e as instituições de educação superior, e da revisão curricular visando uma aproximação maior com as práticas de trabalho. (Declaração Mundial sobre Educação Superior, 1998, p. 23)

A relação entre estudo e trabalho não pode ter a estreiteza de vista do emprego para amanhã, mas deve ser pensada em termos de longo alcance. Fica claro que se rompeu definitivamente uma barreira que separava, do trabalho, a formação acadêmica. O trabalho da sociedade pós-industrial absorve, cada vez mais, conhecimentos. E os conhecimentos são percebidos em sua relação com a totalidade da vida, em que se inclui, necessariamente, o trabalho.

3 O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Borges et al (1996) tratando da temática formação de professores e considerando a viabilização de um projeto pedagógico nos cursos de Licenciatura, fala da necessidade de articulação da instrumentalização e da tendência crítica na graduação.

Portanto, e inicialmente, tratar-se-á do aspecto da desvalorização do professor abordando uma análise em defesa do díspar entre a teoria e a realidade para, então, abordar o estágio supervisionado e sua importância para a formação docente.

3.1 O Trabalho do Professor – da teoria ao dia-a-dia

Amigues (2004) ao abordar o trabalho do professor afirma que a atividade é geralmente considerada a partir de regras ou prescrições propostas pela instituição. Sendo assim, essas ações “são submetidas a críticas repetitivas: o que é feito não corresponde ao que deveria ser feito”.

Amigues (2004) argumenta contra essa posição em que o trabalho docente é constantemente objeto de julgamentos externos, propondo que se utilize uma perspectiva mais ampla as análises. Desse modo, entende que a atividade do professor é instrumentada e direcionada e isso deve ser levado em consideração, já que influencia o seu agir. Além disso, essa atividade é constituída por prescrições, pelo coletivo de trabalho, pelas regras do ofício e pelas ferramentas.

Reiterando essa visão Souza e Silva (2004, p.95) observam o movimento entre o prescrito e o realizado no dia a dia do professor:

(...) se as prescrições estão na origem das atividades, as atividades dela se afastam porque a realização efetiva visa a uma eficácia particular em contexto, a um trabalho de reelaboração daquilo que é preciso fazer, daquilo que há a fazer em determinada situação

Assim, não há como o trabalhador ser um simples executor do que lhe é prescrito. As prescrições são necessárias para orientar a atividade de trabalho, porém, cada contexto de atuação exige uma série de readaptações por parte do trabalhador que, neste caso, é o professor. Deste modo o professor agirá de acordo com dois princípios: o outro (coletivo) e a si mesmo (seus próprios saberes).

Destarte, podemos ressaltar a complexidade do trabalho do professor, uma vez que exerce uma atividade que não se restringe à realização e organização de suas próprias tarefas, mas também engloba a regulação, prescrição e planejamento das atividades dos alunos.

Deste os professores iniciantes tendem – ou tentam - compensar a insuficiência transitória de sua capacidade de tratar se situações profissionais complexas mediante o desenvolvimento de recursos intermediários. Ademais, os professores com pouca experiência preocupam-se mais com o fato de gerir e controlara turma do que propriamente dar aula (FAITA,2004).

Portanto a experiência parece ser de grande importância e, assim, o período de estágio docente deve ser considerado um momento em que os professores estão em fase de aprendizagem, porém, já exercendo a atividade docente.

3.2 O Estágio e a Formação Docente

Antes de adentrar na questão do estágio docente mister discutir, de maneira breve, a questão da formação docente, que está inserida em um processo mais amplo de intervenções governamentais do sistema educacional. Essas intervenções, que tiveram como marco a edição dos parâmetros Curriculares Nacionais (1998) objetivam modificar esse sistema. Sendo assim, a partir desse marco inicial foram propostas ações como avaliações de livros didáticos, avaliações das competências dos alunos e, também, a implementações de programas de formação de professores. Porém, os discursos relacionados a essas ações, muitas vezes, avaliam negativamente tanto o trabalho do professor quanto a sua própria formação (MACHADO, 2004).

Sobre a formação docente Machado (2004) destaca a implementação de um Sistema Brasileiro de Formação de Professor, que teria algumas diretrizes diretamente relacionadas à formação inicial. Três princípios norteiam essas diretrizes : (a) a importância de competência nos cursos de formação ; (b) a necessidade de haver coerência entre a formação oferecida (teoria) e o trabalho esperado (prática) pelo professor e (c) a relevância da realização de pesquisas durante a formação

profissional docente. Portanto, imperiosos estudos que apontem reflexões sobre a formação docente e o estágio supervisionado.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996) ao tratar de questões relativas à formação docente propõe que seja estabelecida uma maior integração entre aspectos teóricos e práticos. Para tanto, houve modificações em relação ao tempo de deveria ser destinado a atividade prática. A partir de um parecer do Conselho Nacional de Educação de no. 28/2001 o Estágio Supervisionado dos cursos de licenciatura, que antes não podia ser inferior a um semestre, passa a ser desenvolvido necessariamente no período mínimo de 400 horas. Pode ser percebido, com isso, um maior interesse e valorização quanto a esse momento de formação dos futuros professores. O parecer citado define o estágio como:

(...) o tempo de aprendizagem que, através de um período de permanência, alguém de demora em algum lugar ou ofício para aprender a prática do mesmo e depois poder exercer uma profissão ou ofício. Assim, o estágio supõe uma relação pedagógica entre alguém que já é um profissional reconhecido em um ambiente institucional de trabalho e um aluno estagiário.

Além disso, é ressaltado no parecer em questão o fato de que a atividade de estágio é obrigatória para a conclusão efetiva de um curso de licenciatura e é um período em que se busca “oferecer ao futuro licenciado um conhecimento do real em situações de trabalho”, ou seja, fazer com que o futuro professor, a partir do contato com as escolas, compreenda como realmente a atividade de trabalho docente é desenvolvida. Afirma-se também que o estágio é “um momento para se verificar e provar (em si e no outro) a realização das competências exigidas na prática profissional e exigíveis dos formandos, especialmente quanto a regência” (Parecer CNE/CP no. 28/2001, p.10).

Através do exposto podemos observar que o estágio na licenciatura é considerado um período obrigatório de aprendizagem para futura inserção no mundo de trabalho. É também um momento em que o estagiário deverá mostrar suas competências no desenvolvimento das atividades em sala de aula, relacionando-se com profissionais já reconhecidos no ambiente de trabalho e colocando em prática os conhecimentos adquiridos no decorrer do curso de graduação.

Além disso, e considerando a importância desse período para a formação docente, vários autores abordam o assunto, sob diferentes perspectivas. Para Kulcsal (2001) o papel da universidade quanto à formação de professores deve ser

questionado, já que ela parece ter dificuldade de formar profissionais que sejam capazes de “operacionalizar a teoria em relação à prática”. Ademais, a autora afiança que o estágio supervisionado deve auxiliar na preparação do estagiário para o mundo de trabalho, levando em consideração o contexto histórico-social dos envolvidos nesse processo.

No entanto nem sempre esse período de estágio auxilia adequadamente o professor a desenvolver suas capacidades para enfrentar a realidade de sua futura atividade profissional. Ao discutir a formação inicial de professores Pimenta e Lima (2008) citam quatro tipos de estágio docente: (a) estágio centrado na imitação de modelos; (b) estágio centrado na instrumentalização técnica; (c) estágio centrado na discussão da teoria e da prática e (d) estágio centrado na aproximação entre teoria e prática, por meio de pesquisa.

O primeiro tipo de estágio citado pelas autoras, qual seja o centrado na imitação de modelos, corresponde ao método tradicional de ensino. Essa concepção é bastante conservadora e pressupõe uma realidade e um mundo inalterável. Desse modo, os alunos também seriam sempre iguais e caberia à escola ensiná-los de forma conservadora. Deste modo, caberia ao docente imitar esses modelos sem proceder a uma análise crítica fundamentada. Como exemplo tem-se a execução de “aulas-modelo”

Já o segundo tipo de estágio apresentado por Pimenta e Lima (2008) diz respeito à instrumentalização técnica. De acordo com os autores a utilização de técnicas é fundamental para qualquer atividade profissional. Porém, a complexidade que caracteriza a profissão docente impede que sua atividade seja reduzida à aplicação dessas técnicas.

O terceiro tipo de estágio tem como foco a discussão a respeito da teoria e da prática na formação docente, aspectos que se encontram, muitas vezes, dissociados. Segundo Pimenta e Lima (2008) durante o estágio os professores-estagiários necessitam compreender a complexidade que caracteriza a sua futura prática profissional e as teorias devem oferecer subsídios para essa compreensão.

Já o quarto e último tipo de estágio é defendido pelas pesquisadoras como sendo aquele que visa a aproximação entre teoria e prática, por meio de realização de pesquisa. Para elas a oportunidade de fazer pesquisa durante o estágio:

(...) se traduz, de um lado, na mobilização de pesquisas que permitam a ampliação e análise dos contextos onde os estágios se realizam; por outro,

se traduz na possibilidade de os estagiários desenvolverem postura e habilidades de pesquisadores a partir das situações estágio” (PIMENTA e LIMA , 2008, p. 46)

Segundo Bueno (2007) esses quatro tipos de estágio coexistem nos cursos de formação de professores. A opção por um ou por outro se dá, muitas vezes, em função da concepção de ensino do supervisor de estágio. Entretanto, apesar dessa coexistência, ressalta-se que os estágios supervisionados propostos pelas instituições de ensino respaldados em documentos legais como a LDB e a Lei de Estágio, por exemplo, já que estes definem que o estágio deve preparar o aluno para o trabalho produtivo. Destarte, é importante discutir como o estágio é desenvolvido.

3.3 Teoria x Prática

Como já citado o estágio supervisionado é de vital importância e por isso não se deve apenas ser um treinamento de métodos e técnicas de ensino, mas sim deve ser um momento de construção da sua personalidade como professor.

A formação inicial dos futuros professores deve ser planejada de modo que os mesmos possam adquirir as competências necessárias ao bom desempenho profissional. Desta maneira, a mesma não deve consistir em um treinamento de técnicas e métodos, e sim, na ajuda aos futuros professores no seu desenvolvimento e autonomia profissional (DANIEL, 2009, p.77).

Para Daniel (2009) O estágio supervisionado surge como um momento fundamental, no momento de formação e de desenvolvimento do futuro professor, uma vez que propicia o contacto com a realidade de ensino. Portanto este momento do curso de licenciatura vai interferir de maneira contundente na formação profissional do futuro docente.

Vários estudos demonstram que essa formação inicial dos professores nas universidades não esta de acordo com a realidade vivida, por exemplo, nas escolas publica. O docente atualmente vem assumido em muitas das vezes a função de pai ou mãe do aluno em virtude de muitos pais passam o dia todo trabalhando e ai

aonde esta o problema das formações no nível superior, pois estas não preparam para lidar com essa nova função do professor.

Para Tedesco (1998) a formação inicial do professor se apresenta de forma insuficiente e aligeirada, não sendo capaz de suprir os desafios da formação docente diante do novo contexto que exige dos profissionais uma série de capacidades e habilidades (pensamento sistemático, criatividade, solidariedade, habilidade de resolver problemas, trabalhos em equipe etc) que não estão presentes nos cursos de formação.

Afirmam Sousa e Fernandes (2004) que, a formação de professores tem sido bastante teórica em muitas universidades, estando afastada da realidade do ensino básico, dando-se ainda, pouca importância empírica e supervalorizando a teoria.

Mas por outro lado não poderemos esquecer que antes de se colocar os alunos do ensino superior nas escolas para fazer o estágio obrigatório deve-se fornecer todo o conhecimento teórico, pois a partir desta parte teórica é que o futuro professor vai usar para primeiramente investigar e analisar o local do estágio e também irá fornecer aos mesmos subsídios para questionar as práticas vigentes nas instituições.

(...) teoria e prática passam a ser consideradas como elementos indissociáveis da atividade docente, uma vez que, para se refletir sobre seu trabalho, sobre sua ação e sobre as condições sociais e históricas de sua prática, o professor precisa de referenciais teóricos que lhe possibilitem uma melhor compreensão e aperfeiçoamento de sua atividade educativa (LEITE, 2008, p.10).

Ghedin (2005) propõe que, na modalidade de estágio curricular, o estagiário, juntamente com o professor orientador, deverá buscar compreender o exercício da docência, os processos de construção da identidade docente, a valorização e o desenvolvimento dos saberes dos professores como sujeitos e intelectuais capazes de produzir conhecimento, de participar de decisões e da gestão da escola e dos sistemas educativos.

Isto significa que neste momento da licenciatura é que se deve procurar saber todo o ciclo da escola para que o mesmo possa saber como se comportar em vários

momentos numa escola, o qual vai desde da convivência na sala dos professores até o planejamento feito na escola para aquele ano.

Vários autores reafirmam esta importância da articulação do meio acadêmico com estágio e não o deixando com um simples componente curricular obrigatório, mas tendo que integrá-lo para que possamos cada dia formar melhores professores.

O estágio, portanto, é um componente obrigatório da organização curricular das licenciaturas e deve ser uma atividade intrinsecamente articulada com a prática e com as atividades de trabalho acadêmico, concorrendo conjuntamente para a formação da identidade do futuro professor como educador e para o desenvolvimento de competências exigidas na prática profissional quanto à condução, preparação e execução de seu ensino (DANIEL, 2009, p.87).

A melhor saída para uma formação adequada é a conciliar a prática e teoria, em virtude de que se “levar” mais para um lado do que outro vai ter distorções por causa de se, por exemplo, se numa universidade só se ver a prática o estagiário quando for colocado nos colégios ele não vai saber que método se adaptar melhor a aquela situação, pois o mesmo não teve conhecimento prévio na sala de aula.

A prática de ensino sob a forma de Estágio Supervisionado é na verdade, um componente teórico-prático, isto possui uma dimensão ideal, teórica, subjetiva, articulada com diferentes posturas educacionais, e uma dimensão real, material, social e prática, própria do contexto da escola brasileira (PICONEZ, 2003, p.24).

3.4 Relações das universidades com as escolas no estágio

O que se percebe em muitas universidades é a falta de relação com as escolas daquele estado ou cidade aonde esta inserida, não há um planejamento ou parceria com essas locais nos quais irão estagiar os futuros docentes. As escolas muitas vezes apenas têm a função de deixar o aluno cumprir aquele período no local e isso acaba por ali não tendo nenhuma continuação.

A solução seria numa implantação de um projeto de maneira oficial que tenha uma mutua colaboração, pois estas tanto vão servir para ajudar os estagiários como

também vai ajudar aos professores que estão na escola no sentido de levar muitas das vezes novas abordagens sobre determinados assuntos que eles não tinham conhecimento.

É necessário que esses projetos sejam implementados de forma oficial, por meio de convênios e acordos entre escolas e instituições formadoras, a fim de visar um processo de mútua colaboração (tanto as escolas e seus professores qualificam a formação dos futuros professores, quanto a universidade contribui para a qualificação das escolas, seus projetos e professores) (DANIEL, 2009, p 96).

Mas esta implantação dessa parceria não é simples, pois tem de se modificar uma prática há muito tempo já inserida tanto nas universidades como nas escolas de apenas cumpri-se uma norma estabelecida nas resoluções das universidades e as escolas de receber muitas das vezes só por amizade com o professor que esta coordenando o estágio.

Insisto que a colaboração das duas pontas da cadeia formadora e de imprescindível importância no contexto que trará benefícios tanto para o colégio como para o professor que esta sendo formado.

3.5 Professores orientadores

No estagio supervisionado tem uma figura que exerce um papel de crucial para que o mesmo siga de maneira que cumpra sua função que é o professor orientador. Cabe a eles darem inicialmente toda a informação de como chegar ao local do estagio e antes também de dar todo o suporte teórico aos discentes.

Mas em muitas universidades o numero desses professores é insuficiente para o número de alunos que precisam fazer o estágio e também existe a falta de logística de algumas universidades, pois as mesmas não oferecem meios para que os docentes que orientam locomovem-se para as escolas e ainda tem um dos mais graves problemas é que muitos desses professores orientadores não tem vivencia nas escolas ou quando a tem é muito pouca e com isso pouco podem ajudar os seus orientandos.

Ou seja, cada vez mais se concretiza a idéia de que, a universidade é sim responsável pela formação, através da figura do professor orientador que na maioria das vezes, conhece muito pouco ou desconhece a realidade escolar, exatamente por não estar inserido nela, vivenciando o seu dia a dia da sala de aula (DANIEL, 2009, P.103).

Acaba que por enfrentar tantos problemas que vão desde da locomoção como da falta de conhecimento da vivencia escolas, mesmo sem intenção acabam por prejudicar os futuros docentes que irão perder um momento crucial na sua formação.

4 MÉTODOS DE ENSINO

Na universidade aprendemos vários tipos de aulas que podemos dar em nossos estágios assim como também na nossa vida profissional. Segundo Libâneo (1994) quando fala do processo de ensino ele fala que “o processo de ensino se caracteriza pela combinação de atividades do professor e dos alunos”, isto quer dizer que o ensino parte de uma troca de informações entre o docente e discente no qual levara a que o professor tanto aprenda algo como também e principalmente o a aluno adquira esses conhecimentos.

Segundo Felicio (2008) “A aprendizagem nem sempre é satisfatória, mesmo em sala onde o professor faz uso da diversidade de metodologias, ainda, há uma certa incidência de não aprendizagem, e aprendizagem apenas como forma de memorização, sem grandes significados para o cotidiano dos alunos”.

Para chega ao objetivo da aula que é o aprendizado o professor utilizara de diversos métodos de ensino, mas como se define métodos de ensino? Vários autores trazem definições sobre o que seria método de ensino, segundo Libâneo (1994) define de maneira bem simples dizendo assim “ o conceito mais simples de “método” é o caminho pra atingir o objetivo” e até uma definição mais complexa como a Machado (2005) que diz os métodos de ensino vão desde formas do e como os professores irão trabalhar seus assuntos passando pelas estratégias a serem adotas com o objetivo de atingir algum nível de aprendizado ou generalização:

Os métodos de ensino são as formas através das quais os professores irão trabalhar os diversos conteúdos com a finalidade de atingirem os objetivos propostos. Compreende as estratégias e procedimentos adotados no ensino por professores e alunos. Os métodos se caracterizam por ações conscientes, planejadas e controladas, e visam atingir, além dos objetivos gerais e específicos propostos, algum nível de generalização (MACHADO, 2005).

A escolha do método a ser aplicado em sala de aula depende de três coisas segundo Libâneo (1994) primeiramente dependem dos objetivos imediatos da aula como introdução de matérias novas e consolidação do conhecimento, em segundo lugar vem dos conteúdos específicos e dos métodos peculiares de cada disciplina e

dos métodos de sua assimilação e por último nas características de seu aluno como sua capacidade mental e física e suas condições sócias e econômicas. Neste momento percebemos como é complicada uma simples escolha do que vai ser usado em simples aula.

Felicio (2008) fala sobre como essa diversidade metodológica pode auxiliar os alunos na busca do conhecimento “Através da diversidade metodológica o professor pode auxiliar os alunos na busca de conhecimento e ser capaz de promover a interação social entre homens-homens e homens-natureza.

Os métodos de ensino segundo Libâneo (1994) são classificados da seguinte forma: Método de exposição pelo professor, o Método de trabalho independente, Método de elaboração conjunta, Método de trabalho em grupo. Os quais iremos descrever um pouco em relação a cada um deles no decorrer deste texto.

O Método de exposição pelo professor o mais usado até hoje em sala de aula, consiste em o professor mostra todo o conteúdo de maneira que o aluno não tenha participação na aula ao não ser de receptor da informação. Veja como Libâneo (1994) define este método “os conhecimentos, habilidades e tarefas são apresentadas, explicadas ou demonstradas pelo professor”. Existem varias formas de exposição deste método que é a exposição verbal, a demonstração, a ilustração, e a exemplificação. Como já dito anteriormente é o mais usado pelos professores apresentando diversas desvantagens como na maioria das vezes faz com que os alunos apenas decorar fatos, regras e definições de maneira mecânica e também acaba por o discente desliga-se do conteúdo facilmente devido ao cansaço mental, em virtude de apenas fica ouvindo o professor falar. As vantagens desse método consiste em que em turmas numerosas, por causa da dificuldade de se aplicar um outro mais aberto ao debate podendo haver muita “bagunça” e, por conseguinte prejudicando o aprendizado e também a facilitação para se ensinar vários conteúdos em uma única aula.

O método de trabalho independente consiste numa espécie de independência dos alunos para resolver problemas propostos pelo professor, mas isso tem que ser antecedido de uma boa explicação por parte do docente do objetivo da tarefa, dos requisitos para a sua solução. Vejamos o que Libâneo (1994) diz sobre este método “consiste em tarefas dirigidas e orientadas pelo professor, para que os alunos as resolvam de modo relativamente independente e criador”. Este método pode ser

usado adotado junto com outros e em qualquer momento da aula para facilitar a compreensão dos alunos e ainda segundo Libâneo (1994) que este pode ser usado no meio de aula de varias formas como: tarefa preparatória, tarefa de assimilação do conteúdo ou como tarefa de elaboração pessoal.

Abaixo veremos como Felicio (2008) relata como o professor deve trabalhar para que este método funcione de maneira satisfatória em uma sala de aula:

Para trabalhar com esse método, é importante que o professor tenha clareza dos objetivos que quer alcançar, que trabalhe na turma a compreensão de utilizar esse procedimento com determinado grupo em alguns momentos, que acompanhe de perto o trabalho, e promova o incentivo e a criatividade a respeito do tema estudado (FELICIANO, 2008).

O método de elaboração conjunta como o próprio nome diz baseia-se na união entre o aluno e o professor de maneira muito ativa para que o discente seja instigado a novos conhecimentos sobre determinada disciplina pode também ser aplicado a qualquer momento do desenvolvimento do assunto no qual esta sendo explicado ou aplicado naquele momento. A melhor forma de aplicação consiste em uma espécie de aula dialogada, ai aonde esta a chave para melhor aprendizado, pois nesta hora o professor vai fazer as perguntas, mas não com o objetivo de uma espécie de “decoreba” e sim como uma conversa de troca de informações.

Felicio (2008) relata a finalidade dessa aula dialogada ou conversação com os alunos “Essa conversação parte da elaboração de perguntas a fim de promover pensamentos que deixem os alunos com dúvida, para que eles possam apresentá-las e discuti-las junto com o professor”.

Ainda Libâneo (1994) fala sobre o grande valor didático que tem essa conversação dizendo que a mesma permiti ao aluno expressar opiniões fundamentais, e sua verbalização da própria experiência, de discutir, argumentar e refutar opiniões dos outros. Lembrando que mesmo que o aluno responda de maneira incompleta ou errada não dever ser desconsiderada mas sim que esta sirva de inicio de novas discussões para novas conclusões.

O método de trabalho em grupo consiste em distribuir tarefas a determinados grupos na classe sobre alguns assuntos. Libâneo (1994) define da seguinte maneira “O método de trabalho “consiste basicamente em distribuir temas de estudo iguais ou diferentes a grupos fixos ou variáveis, compostos de 3 a 5 alunos”. Este tipo não

pode ser aplicado de maneira solitária, sendo aplicado de forma única será fatalmente mal sucedido e geralmente dará certo junto com o trabalho independente ou expositivo.

Feliciano (2008) fala em sua monografia a maneira de como se deve organizar uma sala de aula para que não haja bagunça e nem perca de tempo levando a um melhor aproveitamento do mesmo.

Cabe ao professor escolher os grupos ou deixar que os alunos se organizem, explicar e entregar o trabalho a ser feito, escolher um organizador em cada grupo, para que esse articule o trabalho com seriedade junto aos colegas, permitindo que todos participem e após o término, indicar um integrante para expor os resultados (FELICIO, 2008).

E por fim ainda existem atividades que serve para complementar este métodos acima e eles são Chamados de Atividades Especiais que segundo Libâneo (1994) pode ser: o estudo do meio, jornal escolar, o teatro, a biblioteca, o museu escolar etc.

O sucesso desses métodos depende de como o professor ira tomar atitudes dentro da sala de aula, pois se for feita só por fazer não ira de maneira nenhuma funcionar por mais que o mesmo tenha boa intenção.

É preciso ressaltar, também, que a diversidade metodológica usada de forma criativa, auxilia a construção do conhecimento. Mas, se usada de forma mecânica não contribui para a formação do ser crítico e reflexivo, ou seja, é um processo que depende da atitude adotada pelo professor (FELICIO, 2008).

5 O ENSINO DA GEOGRAFIA E SUA METODOLOGIA

A Geografia durante muito tempo foi tratada como uma disciplina de pura e simplesmente em relação ao aluno que o mesmo apenas deveria simplesmente gravar afirmações feitas pelos professores como essas fosses verdades absolutas, tirando dele a capacidade de pensar o porquê daquelas “verdades” ditas e nem muito menos relacionaram com o seu espaço de geográfico. Estas praticas sempre reafirmadas em cima dos próprios livros didáticos e dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

A Geografia era uma espécie de remédio ruim, considerava as crianças como folhas em branco, recipientes vazios, objetos nos quais se devia gravar as coisas que eram verdades. Assim as crianças só podiam memorizar o que viam, mas não aprendiam a pensar o espaço geográfico imediatamente vivido e relacioná-los à outros espaços geográficos (CAVALCANTE, 2008).

A problemática do ensino de geografia, que muita das vezes torna-se uma aula muito desinteressante para os alunos e o professor fica se perguntando que metodologia usar na sala de aula e às vezes nem o mesmo tem conhecimento da definição do que seja. E essa preparação de saber o que fazer para aumentar o interesse do aluno deveria vim da Formação na Universidade, entretanto constata-se deficiências em alguns conhecimentos relacionados a pratica pedagógica e isso acaba pro prejudicar o aluno.

Esta problemática sobre a definição do que é metodologia, tem causado inúmeros problemas para o processo de ensino-aprendizagem, pois nota-se que o professor, muitas vezes, não foi devidamente preparado, ou lhe faltaram alguns conhecimentos concernentes à prática pedagógica, em que o aluno é o maior prejudicado, pois acaba se condicionando a um dado processo de ensino, deixando de enxergar quão lúdica e feliz pode ser a aprendizagem (OLIVEIRA 2009).

A discussão sobre a relação da metodologia empregada em sala de aula e o conteúdo das aulas é muito importante para nos como profissional da licenciatura, e a partir disso utilizar metodologias que tenha a ver com o dia-a-dia do seu aluno e tendo como consequência um ensino mais proveitoso da Geografia. Vejam o que diz VIEIRA (2009):

Refletir sobre a metodologia empregada na sala de aula, buscando verificar a relação de como o conteúdo é realmente compreendido pelos alunos se faz de fundamental importância em nossa vida profissional. Utilizar metodologias de ensino que consigam inserir os alunos no seu contexto social, através de diálogos abertos, irá tornar o ensino da Geografia algo produtivo e ligado com os pensamentos e inovações do mundo moderno, o qual nossos educandos estão inseridos (VIEIRA 2009).

Ainda em relação à discussão sobre metodologia CAVALCANTE (2008) diz “A discussão sobre a metodologia de ensino, hoje, assume novas formas em vista da compreensão que se tem da relação conteúdo-forma no cotidiano da sala de aula e do entendimento do que instrumentaliza o professor”. Em resumo este trecho relata que a metodologia utilizada tem relação com a vivência do docente na turma e por consequência saberá aplicar a forma correta que facilite a compreensão do exposto.

Outro fato importante é que quando estivermos falando de metodologia de ensino de geografia antes de tudo precisamos saber de qual Geografia estamos querendo falar, porque pode ser pautada numa matéria extremamente tradicional a qual ficara apenas na descrição em livros didáticos de fenômenos naturais, físicos, e humanos ou se estamos falando de um ensino mais moderno que procura contextualizar com a vida do aluno o conteúdo dado em sala, CAVALCANTE (2008) descreve bem o que foi dito acima “O método é algo ligado, de modo inextricável, à epistemologia, sendo impossível separar metodologia da teoria do conhecimento. Portanto quando nos referimos à metodologia do ensino de geografia precisamos posicionar de que Geografia estamos falando”.

Ela deve assumir um caráter de mudança no sentido de se rever formas na qual muitos alunos ainda têm em relação a esta disciplina, a encarado apenas como uma mera “formalidade” para pode passar de serie, ai aonde o professor vai entrar para tentar através de metodologias modernas que o discente veja a importância de saber o que acontece ao seu redor envolve a Geografia.

A Geografia é uma ciência que possui uma grande vastidão de conteúdos e por isso é dever de nos professores tentar a todo tempo novas formas de ensinar a fim de relacionar os assuntos a realidade dos discentes, tentando levar a melhor compreensão do exposto por nos, mesmo que seja só por livros didáticos.

A Geografia é uma ciência rica em seu conteúdo, sendo o espaço geográfico seu campo de abrangência. Assim, cabe aos educadores aprimorarem suas formas de ensinar, a fim de satisfazer os anseios dos alunos, pois em muitos casos somente levam textos enormes, os quais têm pouco haver com a realidade cotidiana destes, não exercendo suas capacidades de reflexão (VIEIRA, 2009).

Ainda em relação ao ensino da Geografia deve-se buscar sempre aprender todo dia, mas nos professores não já temos formação, isto é, na teoria não teríamos que aprender mais nada, isto é um grande engano porque ser professor é um ato de ensinar e reaprender constante com os próprios alunos, pois eles iram nos ajudar no sentido de novas maneiras e metodologias de ensinar aquele conteúdo por exemplo.

Como afirma CAVALCANTE (2009) “Contextualizar o ensino de Geografia é perceber o mundo, considerar o saber que retrata a realidade e entender a educação como forma de intervenção no mundo, comprometida com a condição de educador e com a realidade social dos alunos”, isto também comprova que nos como educadores não devemos deixar a nossa realidade tanto econômica como social do local do colégio de lado como se estas não tivessem nenhuma influencia no aprendizado.

6 ESTÁGIO SUPERVISIONADO E SUA IMPORTÂNCIA PARA O FUTURO PROFESSOR DE GEOGRAFIA

Nos capítulos anteriores foi falado sobre o estagio supervisionado e a metodologia e o ensino e agora neste momento deste trabalho vou mostrar a importância do estagio supervisionado na formação do profissional da licenciatura e infelizmente vemos que em muitas universidades se dá pouco ou nenhum valor este momento dos cursos de licenciatura.

O professor de geografia vai enfrentar uma série de dificuldades quando for colocado numa sala de aula e uma das maiores dificuldades que vai encontrar é que a geografia a qual infelizmente praticada pela maioria ainda se limita a decorar localizações de países, estados e municípios e nomes de regiões e etc., enfim fazendo uma geografia de decoreba e por isso muitos alunos têm a visão que ela é uma disciplina chata e cansativa e pra isso a formação na universidade e mais especificamente no estágio supervisionado é que verá a realidade e com ajuda dos professores regentes e orientadores saberá usar o método correto de ensino para aquele cotidiano escolar.

E para justamente tentar tornar essas mediadas que tornem a aula do que hoje é estagiário e amanhã será professor é que aprenderemos através de professores regentes e/ou orientadores de como e quando utilizar recursos didáticos-metodológicos nos diversos mais diversos momentos da aula para que as tornem cada vez a Geografia de uma maneira “divertida” de se vê-la.

A importância do estagio esta na formação de profissionais para trabalharem tal dinâmica e temática na sala de aula, pois ele vai necessita muitas vezes de uma formação complementar trazida pelo mundo da prática e nisso o estágio cumpre o seu papel.

Outra importância que no colégio você poderá ver as mais diversas situações extraclasse como violência entre colegas da mesma turma e fora das salas de aulas também e poderá observar o comportamento de todo o corpo docente e discente do estabelecimento de ensino diante do ocorrido e posteriormente junto com seu professor orientador relatar o ocorrido e opinar sobre este tal comportamento de violência dos alunos e a reação dos professores.

Não se vai ao colégio observar no estágio as aulas e após ministrá-las, mas para ter um aprendizado correto naquele período o estagiário precisa vivenciar o cotidiano escolar e este envolve tudo, em virtude de que muitas vezes a causa de desatenção de uma turma ou mau aproveitamento da mesma esta em razões fora daquelas paredes da sala de aula na qual o professor terá que na sua vida profissional ter a sensibilidade de verificar estes problemas e tenta solucionar da maneira mais simples e eficaz possível.

Enfim este momento da licenciatura será o que com certeza marcará mais a carreira do docente, pois este levará o aprendizado do estágio para toda sua vida profissional.

6.1 Um breve relato sobre minha experiência no estágio supervisionado e suas contribuições para o meu futuro profissional.

A minha experiência foi em 2009 na disciplina estágio supervisionado II, neste momento do curso tínhamos que estagiar em classe do ensino médio em escolas públicas. Antes de começar a parte prática, tivemos uma preparação teórica que nos iria guiar nossos passos dentro da escola.

Estagiei no Colégio Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Soares de Carvalho localizado em Guarabira. O primeiro contato com o estabelecimento de ensino foi com o diretor da escola sendo que neste momento fui apenas para fazer um levantamento da estrutura física do local, seu número de professores por disciplina e o quadro de funcionários. Aproveitamos este momento para tirar foto da estrutura física da escola e também para fazermos o primeiro contato com o professor que iria me ajudar.

Passado uma semana voltei ao colégio para fazer a segunda parte do estágio que era as observações das aulas, na sua maioria no 3º ano, escolhi esta série do ensino médio pelo motivo da mesma esta em um momento importante da suas vidas que é o vestibular. Nesta turma observei 11 aulas, na qual pude tirar minhas primeiras conclusões do que é a vida de um professor de escola pública.

Nessas observações percebi a dificuldade enfrentada pelo professor que vai desde da estrutura da classe como as cadeiras que são desconfortáveis, a ventilação inadequada e falta de materiais mínimos para se dar uma boa aula.

Mas foi neste momento que vi a importância deste estágio nos cursos de licenciatura, em virtude de mesmo com esses problemas estruturais e materiais o professor no qual estava observando suas aulas mostrou-se ser bastante criativo, pois o mesmo sempre procurava trazer para as aulas revistas sobre questões atuais, vídeos e fazendo com que a aula se tornasse participativa e muito produtiva e esta foi a primeira, podemos dizer assim, aprendizado prático que tive que foi a forma com que ele convive com todas as adversidades de uma escola de maneira que mesmo tendo todos aqueles empecilhos ao bom aprendizado da turma, estava sempre procurando trazer o material por conta própria e não só esperando do estabelecimento escolar.

Num terceiro momento do estágio foi o momento do planejamento das aulas que seriam ministradas por mim na turma do 3º ano, para poder planejar procurei o professor da disciplina e conversei com ele quais assuntos poderiam ser dados em sala de aula e recebi esses temas e juntos começamos a ver como seria desenvolvida e quais pontos seriam abordados para que a turma tivesse o máximo de atenção e foi aí outra “lição” que tive naquela vivência do ambiente escolar, o uso correto e planejado das metodologias e dos materiais nos diferentes momentos, dependendo do comportamento e da reação da turma aos conteúdos. Tudo isso na prática é bem diferente do que muitas vezes vemos na teoria porque vamos aprender modificar nosso comportamento de acordo com os alunos.

E por fim houve o quarto momento a hora de ministrar as aulas que foram ao todo de cinco aulas, todas dadas no 3º ano. Agora tinha chegado a hora de exercer pela primeira vez o magistério, nestas ocasiões o nervosismo chegar a tomar conta da pessoa quando antecede a entrada na turma.

Entretanto no instante que comecei a dar a primeira aula comecei a ficar mais tranquilo a cada parte do conteúdo que estava sendo dado. A turma comportou-se num primeiro instante de maneira agitada sendo difícil de controlá-los, pois pensaram que o professor como não estava na frente da turma eles poderiam fazer tudo, mas enfim conseguir controlar a turma e dei a aula e nesta fiz uso de diversos materiais que tinha a disposição com a finalidade de torná-la muito proveitosa, conseguindo o objetivo.

E nas outras aulas foram mais fáceis de dar, por causa de eles já podemos dizer assim tinha se habituado a minha presença na sala. Usei nas outras aulas,

vários outros materiais como vídeos, revistas, jornais e desenvolvi atividades que foram.

O resultado desta importante experiência foi justamente a verificação na prática da realidade escolar com todas as suas vivências. Percebi a cada momento do estágio como era importante termos aquela oportunidade de estar no cotidiano escolar, porque nem conseguiria imaginar o momento que eu tornasse um professor de geografia e se não tivesse nenhuma experiência em uma escola como seria a minha reação a todas as situações vistas neste estágio supervisionado e como todos nós sabemos cada dia o mundo fica mais competitivo e o professor assim como todas as outras, precisamos estar muito bem preparados para poder alcançar cada vez lugares melhores na nossa carreira profissional, sendo o estágio o no curso de licenciatura a hora de se aprender o máximo possível para ser usado nas nossas vidas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim deste trabalho monográfico poderemos fazer algumas considerações sobre o estagio supervisionado, a primeira seria que tem que haver uma relação indissociável entre a teoria e a prática e, por conseguinte não pode haver em uma universidade a priorização de um dos lados. Em havendo isso corre o risco de se ter uma formação de professores deficitária.

Outra consideração é que as universidades deveriam além dos convênios já realizados com os colégios, também sempre que possível fazer uma orientação aos professores que irão receber os estagiários, com o intuito que eles se sentissem cada vez mais parte daquele momento do aluno que esta estagiando.

Alem de realizar parcerias com os colégios também devem oferece condições logística para que o professor que esta orientando o aluno no estagio tenha a capacidade de esta nos locais no momento em que o seu estagiário esteja observando ou ministrado aula nos estabelecimentos de ensino para que tire todas as suas duvidas e quando falo em condições digo por exemplo, meio de locomoção, verbas para cobrir eventuais despesas de materiais.

Mudar essa concepção que permeia a cabeça de muitas pessoas que o estágio supervisionado é um mero cumprimento de uma obrigação e essa mudança precisa começar nas universidades e mais especificamente dos professores que passem a perceber a importância da prática e que repasse isso aos seus alunos desde quando entram no curso de licenciatura.

E que para a o professor de Geografia ainda é mais importante ainda o período de estagio, porque nele ele vai aprender a ter a dinâmica de tornar a aula mais interessante e isto só será aprendido com o a vivencia no mundo da prática.

É de fundamental importância para o acadêmico de licenciatura em geografia, ter suas experiências práticas, visto que, somente o conteúdo teórico em si, não capacita o indivíduo para a realidade em sala de aula.

Uma maior participação do professor regente na elaboração das atividades que vão ser dadas aos estagiários, pois só assim eles se sentirão mais a vontade em relação a avaliar os futuros professores. Isto é importante ser implantado para que o mesmo não se sinta invadido em suas classes.

O resultado da importante experiência para mim quando fui estagiário foi à verificação na prática da realidade escolar com todas as suas vivências e este momento único trouxe um aprendizado que levarei para a minha vida profissional.

O estágio foi bastante proveitoso em virtude de que nele pude ver a minha real vocação, a qual é a de dar aulas e vivenciar todo aquele cotidiano na escola. Os resultados foram maravilhosos, pois também nele o professor cooperador orientou em diversos aspectos como postura e até o jeito de falar e comunicar com a turma.

Enfim o estágio é o momento de vivência das primeiras experiências como profissional, nesse período aprende-se como funciona a rotina de um professor, suas dificuldades, como organizar o tempo dentro e fora da sala de aula e como conduzir o processo de aprendizagem e que método ou métodos usar para chegar ao melhor resultado possível.

REFERÊNCIAS

AMIGUES, René. **Trabalho do professor e trabalho de ensino**. In: MACHADO, Ana Rachel. O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva. Londrina: Eduel, 2004.

BEHRENS, Marilda Aparecida. **O Estágio Supervisionado de Prática de Ensino: uma proposta coletiva de reconstrução**. Dissertação de Mestrado. PUC/SP. 1991.

BIANCHI, Ana Cecília M.; ALVARENGA, Marina; BIANCHI, Roberto. (2003) **Manual de orientação: estágio supervisionado**. 3 ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

BISSOLI, Maria Angela. **Estágio em Turismo e Hotelaria**. São Paulo: Aleph, 2002.

BORGES, Cecília et al. **Memórias de escola**. In: Anais do VIII Endipe, Vol.1, Florianópolis, p.36-7, 1996.

Brasil - **Lei nº 6.494 de 07 de dezembro de 1977** – disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivilu5/Leis/L6494.htm> dispõe sobre os estágios de estudantes de estabelecimentos de Ensino Superior e de Ensino Profissionalizante e Supletivo e dá outras providências.

_____. **Decreto nº 87.947 de 18 de agosto de 1982** - regulamenta a lei n.º 6.494/77. disponível em <http://www.senado.gov.br>. Acesso dia 10/11/2005

_____. **LEI 8.859 de 23.03.1994** disponível em <http://www.senado.gov.br>. Acesso dia 12/11/2005

_____. **LEI 9394, DE 20.12.1996**, disponível em <http://www.mec.gov.br> Acesso dia 04/12/2005

_____. **A Lei nº 6.49**. Dispõe sobre os estudantes de estabelecimentos de ensino superior e de ensino profissionalizante do 2º grau e supletivo e dá outras providências, sancionada em 07 de dezembro de 1977.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Ministério da Educação e Cultura. Brasília-DF, 1996.

_____. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 9, 18 de fevereiro de 2002**. Institui as diretrizes curriculares nacionais para o cursos de graduação. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf>>.

_____. **Leis e Decretos. Lei 11.788/08**; Dispõe sobre o estágio de estudantes. Brasília: 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11788.htm.

_____. MEC/SEF. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Estrangeira – 3º e 4º Ciclos do Ensino Fundamental**. Brasília: MEC, 1998.

_____. **Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno. Resolução CNE/CP 28/2001**. Estabelece a duração e a carga horária dos cursos de Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Brasília, 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/028.pdf>> Acesso em: 22 novembro 2008.

BUENO, Luzia. **A construção de representações sobre o trabalho docente: o papel do estágio**. 2007. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2007.

CAVALCANTE, Márcio Balbino. *Convite à Geografia*. João Pessoa, 2008.

Centro de Integração Empresa - Escola - CIEE. **Estágio Investimento Produtivo**. São Paulo, 1997. 66 p. papel. (Col. CIEE 01).

DANIEL, L. A. **o professor regente, o professor orientador e os estágios supervisionados na formação inicial de futuros professores de letras**. Dissertação – UNIMEP. Piracicaba, São Paulo, 2009.

DECLARAÇÃO MUNDIAL SOBRE EDUCAÇÃO PARA TODOS: **Satisfação das Necessidades Básicas de Aprendizagem**, 1990. Disponível em: http://www.unesco.org.br/publicacoes/copy_of_pdf/decjomtien.

DELORS, Jacques (org.) (2001) **Educação: um tesouro a descobrir. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC, UNESCO.

FAÏTA, D. **Gêneros de discurso, gênero de atividade, análise da atividade do professor**. In: MACHADO, A. R. (org.) *O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva*. Londrina: Eduel, 2004.

FELICIO, H.M.S; OLIVEIRA, R.A. A formação prática de professores no estágio curricular. *Educar*, Curitiba, n. 32, p. 215-232, 2008. Editora UFPR.

GHEDIN, E. **Professor reflexivo: da dimensão da técnica à autonomia da crítica**. In: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. *Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2002, p. 129-150.

GISI, M. L. et al. **Estágio nas escolas**. *Revista Diálogo Educacional*. Curitiba, v. 1, n. 2, jul./dez. 2000.

JULIATTO, D. L. , et all. **Sobrevivência x Tecnologia: O Caso das Micro e Pequenas Empresas**. 16º Encontro Nacional de Engenharia de Produção - ENEGEP. Piracicaba-SP, 1996.

KULCSAR, Rosa. **O Estágio Supervisionado como atividade integradora**. IN: PICONEZ, Stela C. B. et al. *A Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado*. 2 ed. Campinas: Papirus, 2001.

LEITE, Yoshie Ussami Ferrari. **A construção dos saberes docentes nas atividades de estágio nos cursos de licenciatura**. *ENDIPE: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino*. PUC, RS, 2008.

LIBÂNEO, J. C.. **Organização e Gestão da Escola**. Goiânia: Alternativa, 2001.

_____. **didática**. Coleção Magistério, 2º grau, Série formação do professor. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **didática**. Coleção Magistério, 2º grau, Série formação do professor. São Paulo: Cortez, 1994.

Machado, A. M. (2004). **Relato de uma intervenção na escola pública**. Em A. M. Machado & P. R. Souza (Orgs.), *Psicologia escolar: em busca de novos rumos* (pp. 87-100). São Paulo: Casa do Psicólogo.

OLIVEIRA, M. A. B; Airton A. **Metodologia de ensino de geografia em sala de aula no município de Taquarussu – MS**. UEMS, 2007.

PARAIBA. **RESOLUÇÃO/UEPB/CONSEPE/14/2005**. Publicada no dia 30 de novembro de 2005. Regulamenta e define carga horária e ementas dos componentes curriculares estágio supervisionado nos cursos de licenciatura DA UEPB. Disponível em: http://www.uepb.edu.br/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=220&Itemid=430.

PICONEZ, S.C.B. **A Prática de Ensino e o estágio Supervisionado: a Aproximação da Realidade Escolar e a Prática da Reflexão**. In: PICONEZ, S.C.B. (Org). *A Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado*. Campinas, SP, Papirus, 1994, (p. 15-38).

PIMENTA, S. G. **O Estágio na Formação de Professores: Unidade Teoria e Prática**. Cortez: São Paulo, 1997.

PIMENTA & LIMA, M. S. L. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2008.

ROESCH, Sylvia Maria Azevedo. **Projetos de estágio do curso de administração: guia para pesquisas, projetos e trabalho de conclusão de curso**. 1 ed. São Paulo: Atlas, 1996.

SOUSA, Manuela Valentina; FERNANDES, José António. **Dificuldades de professores estagiários de Matemática e sua relação com a formação inicial**. Quadrante. Lisboa, 2004.

Souza e Silva, M.C.P. de. O ensino como trabalho. In MACHADO, Anna Rachel (Org): **O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva**. Londrina, PR: Eduel, 2004, p. 81-104.

TEDESCO, J.C. **O novo pacto educativo: educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna**. São Paulo. Ática, 1998.

Vieira. R. **Metodologias de ensino utilizadas nas aulas de geografia**, UFPel, Rio Grande do Sul, 2007.